

A TRAJETÓRIA DE UM FAZENDEIRO DE CAFÉ: CAMINHOS METODOLÓGICOS

Maria José de Souza Gerlack VECCHIA*

RESUMO: O principal objetivo deste artigo é evidenciar, no trabalho de resgate da memória de um ilustre fazendeiro, de fins do século passado e início deste, na região de Araraquara, fundamentado nos documentos produzidos e guardados por ele mesmo, as questões metodológicas que propiciaram uma busca nas fontes documentais primárias de aspectos tais como: 1.) as ações desse homem e de seu grupo social, 2.) suas relações com os trabalhadores e 3.) sua relação com o Estado, como um exemplo concreto de como se estruturaram as relações entre a burguesia cafeeira e o Estado, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Café, lavoura de; burguesia nacional, empresários agroindustriais, Araraquara- história; trajetórias.

Introdução

O objetivo principal deste artigo é evidenciar os caminhos metodológicos percorridos na dissertação de mestrado, em busca do resgate da trajetória de um fazendeiro que dedicou a maior parte da sua vida ao desenvolvimento da lavoura cafeeira, elevando o nível de produção de suas propriedades ao de companhias agroindustriais. Esse trabalho se fundamentou nos documentos produzidos e guardados por esse fazendeiro.

A importância da compreensão de sua trajetória, basicamente da última década do século passado até 1930, levantando como pano de fundo o discurso de seu grupo social, reside no fato de que a esse grupo

* Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP-14.800.901 Araraquara-SP, sob orientação da Profa. Dra. Vera Lucia Silveira Botta Ferrante.

social foi atribuída, entre outras, a pecha de parasitas do Estado e, através das ações desse fazendeiro, Nhonhô Magalhães, de caráter pessoal ou de seu grupo, podemos acompanhar alguns aspectos de sua lógica interna (do grupo), sua regularidade, contradições e a legitimação dos seus atos, além da representação que faz de si mesmo. De caráter pessoal revelam-se também aspectos tais como: as relações de Nhonhô com os trabalhadores e sua relação com o Estado, que nessa época ia assumindo um papel cada vez mais destacado nas mediações das questões de ordem econômica e política.

Em um segundo nível de abordagem, a problemática deste estudo dirige-se à compreensão da distribuição dos seres humanos nos níveis e lugares definidos pela estrutura de classe, inseridas na questão maior dos “destinos pessoais e estrutura de classe”, categorias analíticas extraídas de (Bertaux, 1979)

Assim, o eixo orientador deste trabalho na abordagem da questão da distribuição dos seres humanos nas estruturas de classe, está situado no acompanhamento da própria trajetória de Nhonhô Magalhães, das origens as suas posições posteriores na estrutura de classes. Trata-se de detectar os procedimentos que foram sendo tomados pelo indivíduo Nhonhô, que se constituíram, de forma mais ou menos articulada aos seus pares, em uma postura comum ao enfrentamento das questões de um Estado que principiava a colocar novos atores no mercado, tais como os empresários industriais e o proletariado.

A concentração do estudo no acompanhamento da participação de um dos atores envolvidos na questão, se por um lado limita a compreensão do processo como um todo, de outro, possibilita a concretização de uma análise mais detalhada sobre as ações desse sujeito permitindo, inclusive, algumas incursões sobre as suas ações subjetivas, entendidas como a “interiorização de objetividades” (Bourdieu, 1989)

Portanto, deixaremos de abordar outros atores e o trabalho estará sempre dirigido para o ângulo da “camada superior da burguesia”, denominação extraída de (Silva, 1976)

A partir da leitura que o fazendeiro, membro da camada superior

da burguesia agrária, fazia de sua época é que o nosso estudo toma a dimensão de um exemplo concreto de como se estruturaram as relações entre a burguesia cafeeira e o Estado, possível através do ensaio de desvendamento dos aspectos de tais relações.

Ao acompanharmos Nhonhô Magalhães em suas ações, iremos situar sua atuação num espaço de tempo marcado por profundas e amplas transformações, em que ele parecia, a princípio, se sobressair aos seus contemporâneos, através de idéias e projetos voltados à preocupação com o futuro dos homens.

Isto posto, voltamos nossa atenção para uma das etapas cruciais na construção da dissertação que, por contar com documentação muito extensa, sofria o risco de perder-se em meio à imensidão de informações. Para superar essa etapa, seguindo o nosso próprio projeto, tentamos conciliar uma metodologia que contemplasse a reconstrução da trajetória do fazendeiro sob dois aspectos que se imbricam naturalmente na vida dos homens: o caráter subjetivo e o caráter objetivo de suas ações.

Porém, como viabilizar tal projeto?

Preocupações Teóricas

A partir de uma primeira leitura do material documental, pertencente à coleção de Nhonhô Magalhães, ficou evidente que a sua trajetória transcorreria em íntima relação com o eixo econômico desenvolvido no Estado de São Paulo, considerado nessa época o principal centro de acumulação de capitais no Brasil. Nesse período, por muitos entendido como “nobre para o café”, havia uma situação histórica que, por si mesma, apontava os elementos para o recorte histórico de uma pesquisa através do qual poderiam ser observadas as condições objetivas que possibilitaram a trajetória de Nhonhô imbricar-se à do café.

Nos exatos 56 anos por ele vividos, ocorreram mudanças econômicas, políticas e sociais que transformaram a sociedade cafeeira do final do século XIX até as três primeiras décadas deste século. Nhonhô participou ativamente desse processo de transição. No comando político do país se encontrava a sua fração de classe, a “burguesia cafeeira”, que

pela sua força e poder, dentro desse processo, muito pode explicar sobre nossa economia e também auxiliar na interpretação sociológica da sociedade brasileira, tanto em seu passado quanto nos resquícios presentes em nossos dias.

Para a contextualização do processo econômico que se desenrolava em sua época, recorreremos, dentre outros, a Sérgio Silva, que desenvolveu um estudo detalhado sobre a economia cafeeira. “O estudo das formas dominantes do capital do período final do século XIX à crise de 1929/1930, foi o principal centro de acumulação no Brasil durante esse período. É na região do café que o desenvolvimento das relações capitalistas é mais acelerado e é onde se encontra a maior parte da indústria nascente “. (Silva, 1976, p.17).

O autor considera esse período, em que ocorre a substituição do trabalho escravo pelo assalariado, o desenvolvimento do mercado e da rápida expansão das estradas de ferro, e a aparição das primeiras indústrias, como fase de transição capitalista.

O desenvolvimento do capitalismo, que tem por base a economia cafeeira, não pode ser determinado unicamente ao nível das plantações. Desde o início, a liderança da “marcha pioneira” não se limitou a organizar e dirigir plantações; na verdade, ela exercia funções como as de um banco, na compra e venda da produção de outros proprietários, financiando novas plantações, modernizando equipamentos e concedendo empréstimos.

À medida em que essa economia cafeeira se desenvolve, esses mesmos homens são encontrados à frente das mais diversas funções, inclusive à frente do aparelho de Estado em a nível regional e federal. O capital cafeeiro tinha, ao mesmo tempo, características diversas; de capital agrário, capital bancário, capital comercial, capital industrial, e, diante de uma economia caracterizada por um grau ainda fraco de desenvolvimento capitalista, essas diferentes funções são reunidas sob o capital cafeeiro e com isso não delimitam, pelo menos diretamente, segundo Silva (1976) frações de classe

relativamente autônomas. Não havia uma burguesia agrária cafeeira, uma burguesia comercial, mas uma burguesia cafeeira exercendo múltiplas funções.

Mas se o período vivido pelo fazendeiro explicita as suas marcantes características de desenvolvimento capitalista, a nossa investigação, mais que um estudo sociológico particularizado em algumas categorias de análise, dirige-se fundamentalmente à reconstrução da trajetória de Nhonhô Magalhães, no intuito de que, através de suas reflexões, discussões, projetos, idéias, ações etc., possam ser revelados alguns aspectos das relações sociais de sua classe que procurou manter seu lastro na história econômica da “economia cafeeira” buscando alguns traços usuais à época de características mais gerais, de onde se pudesse resgatar o singular.

Nessa perspectiva, recorreremos a E. P. Thompson e às suas considerações sobre o conceito de “experiência humana”: “a formação de classe e a consciência de classe se desenvolvem em um processo inacabado de relações, de lutas com outras classes no tempo. Os sujeitos experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades, interesses e como antagonismos e, em seguida, “trabalham” essas experiências em sua consciência e cultura. Eles também experimentam sua experiência como sentimentos e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades como valores, ou através de formas mais elaboradas, na arte ou nas convicções religiosas. Os valores não são pensados nem chamados, são vividos e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material. Os valores são as normas, regras, expectativas etc., necessárias e aprendidas (e apreendidas no sentimento) no “habitus” de viver; apreendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata”.(Thompson, 1981, p192)

Um primeiro olhar sobre a trajetória do fazendeiro, através de sua documentação e, principalmente, a sua “correspondência particular”, nos mostram o seu “viver” diretamente relacionado ao trabalho. Revela sua história não só pelos aspectos objetivos que envolvem o trabalho, porém muito pelos aspectos subjetivos que conformam e dão sentido à

sua trajetória, calcada na sua máxima de que o trabalho é a alegria do homem. Nesse sentido, tomamos de empréstimo de E. P. Thompson o conceito de experiência, elemento de resgate do sujeito nas suas memórias e representações, fruto de sua experiência indissociada ao trabalho, no caso particular de Nhonhô, na sua forte relação com as experiências levantadas em torno das práticas relativas à lavoura do café.

Nesse trabalho de costuras históricas necessárias na procura do estabelecimento de uma relação nos documentos escritos por Nhonhô entre a realidade e o simbólico, levamos em conta o conceito de “habitus”, elaborado por Pierre Bourdieu, que “entende o agente social não como um mero suporte de estruturas, mas sim, em um processo de “moldagem”, em que o agente vai incorporando princípios e significações de um determinado quadro cultural (através de agências educativas, família, etc.)”.

Na concepção de P. Bourdieu sobre a família, observamos também “a diferença entre duas lógicas sociais”, uma que organiza os destinos das mulheres e outras os dos homens, pois uma lacuna notada na documentação de Nhonhô Magalhães é exatamente a ausência do elemento feminino, mesmo de sua família. Poderia ser indício de um processo histórico e social patriarcalista que, de geração em geração, se alicerçou na construção da sociedade?.

Único filho homem, Nhonhô foi criado em meio à mulheres, mãe e duas irmãs. Posteriormente, a esposa e três filhas. Pela documentação investigada, coligida pelo próprio “homem” Nhonhô Magalhães pouco se conseguiu levantar sobre o mundo feminino ao seu redor.

Acreditamos que a noção de “habitus” de Bourdieu pode contribuir com a presente pesquisa no sentido de “não se perder de vista” que, no trato da questão da memória, relacionada às práticas sociais e políticas objetivas, há por trás uma “essência” consubstanciada nos gostos, estilo de vida, idiossincrasias, etc. que não devem ser encaradas como simples subjetividades, mas como “objetividades interiorizadas”, incluindo aí “esquemas generativos” que orientam e determinam a escolha estética. Devemos lembrar ainda que a noção de “habitus” pode apresentar-se tanto a nível individual como social, ao referir-se a um indivíduo, a um

grupo, a uma fração ou a uma classe e que, na abordagem de nossa pesquisa, passa por todos eles.

Nhonhô movia-se de acordo com a economia cafeeira, a seiva e o meio fluído de suas ações que, através das suas cartas emitidas, seus recibos, notas fiscais etc., nos coloca frente à dimensão objetivo/objetividades interiorizadas no seu cotidiano. Sob esse ângulo de entendimento, recorreremos à análise de Maquiavel sobre a questão da “virtù”, entendida, na trajetória do fazendeiro, nas ações em que ele ousava, jogava conforme os acontecimentos, fazia o seu próprio destino. Pois seria a “virtù” o próprio fazer-se do homem, como sujeito da história que, acima da força bruta, guiado pela necessidade, acima da moralidade estabelecida, saberia guiar-se conforme as circunstâncias.

A imagem corrente de que esse empresário foi um “self-made man” que, “formado a partir de seu trabalho, construiu um império”, nos leva a tomar de empréstimo as reflexões de Daniel Bertaux sobre a origem da trajetória, isto é, o lugar na estrutura de classe e da família no meio social de origem na qual a pessoa nasce, relacionando-a à sua posição social posterior.(Bertaux, 1979)

De acordo com a concepção de D. Bertaux, sobre trajetórias, podemos ver, com clareza, que no perfil oficial de Nhonhô tem peso significativo a “mitificação do indivíduo”, sob atributos de “igualdade de oportunidades” relacionados à ascensão pelo “suor e trabalho”, elementos cultivados na descrição de sua trajetória (utilizados por ele mesmo, Nhonhô, e por seus biógrafos). No entanto, sob a concepção considerada, são as diferenças resultantes das estruturas de classes que trazem consigo as condições de “(des)igualdade de oportunidades”.

Entendendo-se por trajetória o que uma pessoa representa na estrutura de classes ao nascer e o que se tornou no desenvolver de sua vida os sujeitos vão ocupando diversas posições na sociedade, tais como: filho, pai, patrão etc. Tal ocorre no campo profissional e familiar, traçando assim suas trajetórias. A questão da distribuição dessas pessoas em diferentes posições das estruturas de classes é, também, segundo Bertaux, questão da luta dos homens e mulheres em relação à distribuição, e que ultrapassa o âmbito do individual, para ser uma luta social e política, de

Tomando de empréstimo a abordagem de Daniel Bertaux, do que ele denominou de “processo antroponômico”, à nossa pesquisa interessa, particularmente, as suas concepções que apreendem o ser humano como um corpo portador de energias, portanto, de possibilidades de trabalho, seja ele alienado ou contestatório, de exercícios do poder instituído ou de lutas contra esse poder, de recolhimento familiar e de sociabilidade, de agressão e afeição, cultura, prazer, sociabilidade etc.. Além da reprodução cotidiana de energia da vida material, (comer, beber, dormir) presa à estruturas cristalizadas através da ordem instituída e que se reproduzem quotidianamente sem que as pessoas dêem conta da existência de um conteúdo de classe encontra-se a “vida familiar”, a primeira a envolver o sujeito e que, organizada em torno de práticas materiais, corresponde biunivocamente à situação de uma determinada classe.

Através de conhecimento mais amplo sobre a família de Nhonhô, de suas origens, das influências que, em princípio, percebemos que a família exerce em sua “formação”, junto com seu local de origem, ficava difícil mesmo imaginá-lo em outra posição na estrutura social que não fosse dentro da “família proprietária de capitais”.¹

O sujeito, no seu fazer-se, no acúmulo de suas experiências, do seu trabalho e de suas lutas pode galgar posições diferentes na estrutura social e nosso estudo pode apontar pistas sobre alguns aspectos do movimento de uma classe em posição privilegiada nessa estrutura, no caso, a camada superior da burguesia agrária.

As discussões sobre o caráter da burguesia cafeeira e sua participação no processo de constituição do capitalismo no Brasil entram no trabalho como complementação. Nesse aspecto, partilhamos da análise de Angela M. de Castro Gomes, segundo a qual o atributo supostamente apassivado da burguesia, a sua alegada incapacidade em propor um projeto hegemônico para a sociedade, podem ser contrariados pela presença ativa

¹. Cabe notar aqui a distinção que Daniel Bertaux, op.cit. p.76, faz entre as famílias que dispõem de capital, as afortunadas e as famílias burguesas: que para ele abrange também famílias de médicos, executivos, entre outros, que não são capitalistas no sentido estrito. No seio da burguesia, a família marcha pela herança e pela mais-valia.

de seus órgãos de classe em processos decisivos para a história do país.

Isto posto, a dimensão objetiva se passa através da história geral/regional que, se relacionadas oferecem uma porta de entrada para a condução da pesquisa, na qual o personagem, objeto de estudo, foi um homem cujo papel teve importância, tanto a nível geral como a nível regional, pois sua atuação, como membro dinâmico da burguesia regional, se deu no exato período considerado de transição econômica, de 1890 a 1930. Reforçadas pela atuação de Nhonhô Magalhães junto aos órgãos de classe principalmente na Sociedade Rural Brasileira, da qual ele foi vice-presidente, e onde atuou intensamente. As análises dão conta de determinados movimentos coletivos, que tinham como maior interesse a defesa da lavoura exportadora de café a nível regional, cujos resultados influíam no panorama nacional.

Mutatis mutantis, essas mesmas considerações, feitas por Angela de Castro Gomes a partir da discussão da atuação da burguesia industrial no processo de gestação da legislação social, podem ser aceitas com a devida relativização para a relação da burguesia cafeeira com os caminhos do capitalismo no Brasil.

Tomamos igualmente de empréstimo de Max Weber, elementos de análise presentes em sua sociologia da dominação, tais como: “a dominação isto é, a propriedade que envolve a capacidade de certos agentes de obterem obediência a seus mandos, pode acontecer por inúmeros motivos de submissão, interesses, costumes, afetos, entre outros. Somente esses fundamentos não lhe darão estabilidade. Existe costumeiramente um apoio em bases jurídicas, nas quais se fundamenta a sua legitimidade. A base dessa legitimação da dominação são três: a dominação burocrática, a dominação tradicional e a dominação carismática.”.

Nhonhô, no nosso entendimento, parece estar envolvido, em suas ações, com infinitos processos que se mesclam na construção de sua realidade com prováveis situações de dominação, pois recorrendo mais uma vez a Weber, em suas considerações sobre a questão da dominação, entende que a garantia da grande maioria das relações de domínio de caráter fundamental legal repousa na crença e na legitimação sob bases mistas

Pela documentação do fazendeiro podemos detectar os valores e a lógica que comandavam seu mundo e os saberes e poderes utilizados para adequar os seus subordinados objetivamente através de uma prática domesticadora. Um de seus suportes era a prática assistencialista, que “ensinava” noções de higiene, como portar-se no trabalho, prevenção ao alcoolismo, entre outras atitudes. Subjetivamente, a própria ideologia dissimulada por essa prática de caráter assistencial, aparentemente preocupada com o bem-estar dos trabalhadores continha mediações de práticas paternalistas.

A construção de colônias, escolas, salão de festas e capela nas suas Companhias agrícolas, ou seja com os espaços de sociabilidade anexos à unidade produtiva e isolados numa área rural, são elementos indicativos de que a relação trabalhador/patrão ficava objetivamente estabelecida e permanentemente vinculada às necessidades produtivas da unidade. A unidade produtiva invadia o espaço doméstico (a moradia), de lazer, enfim, todas as esferas da vida cotidiana dos trabalhadores, envolvidas por uma relação tradicional e entretanto, sua forma de ser não se restringia à tradicionalidade. Nhonhô transformou suas propriedades agrícolas em empresas organizadas metodicamente, sob um caráter racional, através de regulamentos estabelecidos racionalmente na legitimidade dos chefes designados nos termos da mais impessoal das leis. Essas características misturavam-se ao seu cotidiano de “pai-patrão”, relacionado intimamente ao cotidiano dos administradores das suas propriedades.

O próprio “jeito de ser” cativante do fazendeiro, seu temperamento “forte” mesclado de doses de bom-humor, seu dom da oratória, que segundo os seus contemporâneos, o levava a arrebatado adeptos de suas idéias e a liderar os movimentos pelos quais tinha interesse, não seriam elementos característicos de uma dominação carismática?

Essa hipótese, ao procurar também entendê-lo pela via de sua extemporaneidade, não dará conta de responder a todas as mediações nela implicadas, inclusive porque essa pesquisa não trabalhou com outros empresários para tecer comparações, mas foi baseada na história econômica da “economia cafeeira”, procurando alguns traços usuais à

época, de características mais gerais de onde se pudesse resgatar o singular.

Outros estudos de caso sobre empresários e personagens marcantes na história brasileira nos deram luzes para reforçar o eixo de nossa dissertação e o de que o resgate da trajetória de um empresário, através do árduo trabalho de garimpagem em arquivos autobiográficos, são férteis caminhos teórico-metodológicos a acrescentar contribuições à história local e regional.

Nesse sentido, tomamos por empréstimo alguns conceitos teóricos, não como sustentadores do trabalho, sem compromisso com essas teorias, mas sim usando-os como referência. Acontecerão, ao longo do trabalho breves diálogos com autores que trabalharam questões relacionadas à temática da classe dominante no país desse período, e com os que se preocuparam com o desenvolvimento regional, em particular da região cafeeira do oeste paulista, não como eixo central das preocupações, mas a fim de consubstancializar a trajetória do fazendeiro.

Essa reconstrução permite a inclusão de dúvidas que, possivelmente, não serão resolvidas, pois ela não é a expressão final e inesgotável de verdades, mas sim um diálogo com a própria documentação preservada pelo fazendeiro.

Fontes

Realizada em fontes primárias, manuscritas, impressas e iconográficas, a pesquisa sobre a trajetória desse empresário ligado a economia cafeeira, através de seus documentos, acabou por envolver uma estrutura analítica mais complexa do que supúnhamos ao iniciá-la. Essa estrutura, aos poucos, foi sendo moldada a partir das pesquisas exploratórias nos documentos que nos forneceram elementos para a coleta documental.

Nesse sentido, procuramos captar as relações sociais firmadas entre os homens que fizeram a história do café de fins do século XIX às três primeiras décadas desse século, sob o ângulo pessoal de Nhonhô. Os documentos investigados, parte de um rico acervo documental, de modo geral, em bom estado, preservado pelo próprio fazendeiro ao longo dos anos e posteriormente por seus filhos, encontram-se hoje sob a guarda do

Do primeiro levantamento que realizamos junto ao acervo Nhonhô Magalhães, distinguimos diversos tipos de suportes documentais que, por sua vez, estavam acondicionados em diferentes embalagens como latas de aço, envelopes de papelão, caixas “arquivo”, plantas (projetos arquitetônicos), além do material fotográfico, com uma ampla e detalhada variedade de informações sobre os acontecimentos diários mais diversos.

Afora os “livros de correspondência particular” nos quais o fazendeiro conservou suas correspondências com amigos, parentes, correligionários, entre outros, contamos também com as “caixas-envelope” da Companhia Paulista de Comércio e Finanças, contendo cartas comerciais, escrituras, cobranças, impostos, conta-correntes em bancos, escrituras de falências e concordatas, entre outros. Os “copiadores de cartas” e “copiadores de faturas” da Companhia Itaquerê, continham diferentes tipos de suportes, documentos sobre a “Companhia de Imigração” e outros com artigos de jornais.

E, por último, havia as “caixas-envelope” (timbradas) CLM, cujo conteúdo cobre desde as notas fiscais de compras da Companhia, quanto as notas fiscais pessoais e domiciliares (como, por exemplo, recibos de médicos, farmácias etc.) mais os balancetes das empresas, telegramas, conhecimentos, promissórias, duplicatas etc.

O resultado desse levantamento foi a elaboração de uma listagem cobrindo toda a documentação, de 1898 a 1930, inclusive porque nesse período estão contidas abundantes fontes sobre as relações desenvolvidas pelo empresário, enfoque de nossa pesquisa .

De um total de 30 “latas-arquivo”, 17 “caixas-envelope” da Companhia Paulista de Finanças e Comércio, 27 “caixas-arquivo” e 110 “caixas-envelope CLM”, concentramos as pesquisas nas latas que continham sua correspondência particular, os “copiadores de cartas”, mais seus “livros de recortes de jornais” e atas.

Constavam dos “livros de recortes de jornais”, os artigos publicados na imprensa, de autoria de Nhonhô e de outros, cujos assuntos a ele se relacionavam ou lhe interessavam direta ou indiretamente.

Basicamente eram artigos publicados nos jornais mais importantes de sua época, como “O Estado de São Paulo” e o “Correio Paulistano”.

Buscamos nas “caixas-envelope” elementos importantes para o resgate de suas idéias políticas e, nas “caixas CLM”, pudemos ver seus gastos pessoais e familiares, seu gosto e estilo e, finalmente, no seu acervo fotográfico, imagens que procurassem traduzi-lo.

Utilização das Fontes

Na elaboração de um “arquivo particular” sobre Nhonhô Magalhães, nossa linha de interpretação alicerçou-se nas considerações de que, naquela época, as elites do café foram as protagonistas do desenvolvimento econômico da sociedade. Mas não era possível entender as ações desse grupo social analisando-os isoladamente, e portanto, seria necessário conhecer minimamente os agentes sociais e a estrutura da sociedade.

Nesse sentido, tornava-se indispensável o conhecimento de alguns padrões de diferenciação da elite paulista durante esse período, no qual a economia cafeeira da chamada “República Velha” estava longe de ser uniforme. Novos tipos de agentes sociais engendrados pela economia em transição lutavam pela conquista de maiores fatias de mercado. Uma das conseqüências dessa luta foi o surgimento e fortalecimento das associações de plantadores como a Sociedade Rural Brasileira-SRB, a Liga Agrícola Brasileira e a Sociedade Brasileira de Agricultura que, na década de 20, passaram a grandes contendoras políticas, que exigiam do governo estadual e federal proteção e vantagens.

Nessa época, a cidade de São Paulo tornava-se a metrópole de toda a economia regional e núcleo político do Estado, além de centro da vida comercial, financeira e industrial. Já, o Partido Republicano Paulista-PRP é quem dava as cartas.

É desse contexto histórico que extraímos nossos critérios para o recorte de trechos que consideramos mais significativos da documentação (inclusive pela dimensão da documentação) que pudesse contribuir para a

Disso decorre a adoção, como recurso analítico, da seguinte classificação:

Ações pessoais. Incluem-se nesse item não só as ações propriamente ditas, mas considerações que Nhonhô Magalhães fazia pessoalmente nas cartas sobre negócios, cuidados, interesses familiares, interesses pessoais, relações travadas com outros membros de sua classe e intelectuais e também as suas relações com os trabalhadores e, em particular com os administradores de suas propriedades, além de suas brigas e conflitos com amigos

Ações de negócios aqui buscamos apreender as suas relações que chamamos de oportunidades, suas ações voltadas para seus interesses relacionados à economia de exportação e ao sistema político, levando em conta questões de poder e as influências que exerceu sobre a mobilização e a organização de grupos comprometidos com os mesmos interesses seus, além das suas considerações sobre os governantes, sobre a política em geral, os seus projetos e as suas viagens (negócios).

Ações coletivas. São suas ações em conjunto com seus pares exportadores, em busca de soluções comuns aos seus interesses, resgatadas, em sua maioria, de comentários sobre os congressos e delegações de plantadores que participou e particularmente, das reuniões na Sociedade Rural Brasileira, onde atuou efetivamente (política).

Na construção desse nosso “arquivo particular”, elaboramos uma caderneta que denominamos de “caderneta de decisões”, na qual primeiramente, classificamos os assuntos sob as três formas de ação que estabelecemos. A partir dessa primeira divisão, fomos subdividindo os assuntos conforme desenvolvíamos a leitura. Outra parte da caderneta foi destinada ao registro de nomes de pessoas, datas, locais e acontecimentos. Um item foi criado para possíveis observações, onde íamos anotando informações esparsas sem relações à primeira vista. Subdividimos a parte destinada aos nomes em supostas categorias de parentesco, amizade (íntimas), sociedades, vínculos empregatícios e outros. À medida em que, através dos documentos e depoimentos, iam

sendo esclarecidas as conexões, dávamos baixa na ordem chamada de “dúvidas”, perfilando-as em ‘dúvidas esclarecidas”.

Separamos essas ações em dois momentos diferentes. O primeiro, o de um Nhonhô no seu “fazer-se” empresário, na consolidação de seu capital, quando morava no interior, e depois, o de um Nhonhô maduro, “cosmopolita”, morando na cidade de São Paulo e convivendo com a elite econômica, política e social.

Informações estabelecidas nesse “quadro de ações” foram complementadas com visitas e depoimentos:

- À Fazenda e Usina Itaquerê (hoje Usina Santa Fé), na cidade de Nova Europa, onde colhemos o depoimento do Sr. João Anaia (hoje falecido), que trabalhou como capataz no tempo de Nhonhô.

- À sede da Companhia Itaquerê, na cidade de São Paulo, à rua da Quitanda, onde ainda hoje funcionam os escritórios de negócios da família. O prédio, construído por Nhonhô, conserva os móveis originais da época de sua inauguração, o que pode ser comprovado através de registros fotográficos que acompanharam a construção e a decoração do prédio, passo a passo.

À frente dos negócios, até 1995, esteve o filho de Nhonhô Magalhães, Sr. Paulo Reis de Magalhães (falecido em março de 1996), que nos forneceu dados, documentos e cujo depoimento veio a preencher lacunas e apresentar outras versões para fatos algumas vezes controversos.

A Leitura e Cópia ²

No prosseguimento da pesquisa, a abertura das “latas” era acompanhada de um clima de expectativa. O que iríamos saber sobre aquele homem? Como seria o dia a dia de um dos “donos do poder” e o

² Tarefa de levantamento e busca que tomou parte considerável do tempo, pois a leitura da parte manuscrita (a mais antiga) era dificultada pela ortografia e pelo esmaecimento das páginas. A cópia então, foi manual, uma vez que as normas de segurança dos arquivos em geral, não permitem reprodução fotomecânica dos documentos tais como: xerox, fotografias com flash, microfilmagem com luz artificial, scanner, etc.

que ele achava de sua situação: tinha consciência desse poder e o de sua classe? O que acharia das propostas socialistas, anarquistas e das greves que aqui aportavam com os imigrantes, já que ele fora responsável pela vinda de muitos deles para o país?³

1- Após a abertura das latas e elaboração da “Listagem de Conteúdo”, folheamos cada página das correspondências e artigos de jornais, atentos aos nossos critérios para recorte dos trechos mais significativos.

2- Ao encontrar material que parecia corresponder à estrutura analítica montada era feita uma leitura mais detalhada, com atenção aos trechos que envolviam tais ações. No caso dos artigos de jornais, nossa leitura crítica observava, entre outros, itens para a visão ideológica desses jornais (filiação política, contexto histórico etc.).

3- Cópia manual do material, porém, colocando no alto da página, a direita, o assunto, o local, a data da correspondência e o destinatário.

3.1- a cópia dos jornais, a data, nome do jornal, assunto e autor.

4- Os assuntos eram subdivididos em principais e secundários.

4.1- principais:

- café
- política
- temperamento.

4.2- secundários:

³. Como neta de imigrantes, é difícil descrever a emoção ao nos depararmos com as fotografias e fichas dos imigrantes, contidos nas latas sobre sua Companhia de Imigração, que continham dados completos sobre cada família, como nome, idade, profissão, procedência, sexo, grau de parentesco com o “chefe da família”, estado civil, destino e nome do patrão. Isso tudo era complementado por belíssimas fotografias dos grupos de imigrantes que aqui chegavam. Colocamos nossa imaginação a “viajar no tempo”, onde parece que podíamos ver naqueles olhares dos homens, mulheres e crianças, suas esperanças, projetos, perspectivas, medos e ansiedades, num misto de reverência à coragem dessa gente e de carinho pela sua situação de fragilidade frente a um mundo novo, desconhecido. Pensamos ainda no que sentiria Nhonhô ao ter praticamente em suas mãos os destinos dessas pessoas.

- negócios (entre amigos, empréstimos, protelação de dívidas)
- expansão (compra e venda do Cambuí, projetos, compras de novas terras)
- considerações pessoais (temperamento, emoções, metáforas, doença, família)
- reivindicações (em relação a impostos)
- conflitos (contendas com outros homens, com a Estrada de Ferro)
- política local e regional (Associações)
- dominação (relação com os trabalhadores, administradores e colonos)
- estilo de vida (gostos, assistencialismo)

Essa parte técnica, árdua e detalhada foi desenvolvida em um período aproximado de 18 meses, pois, cada lata, isto é, cada caixa metálica medindo aproximadamente 50 cm de altura, por 20 cm de largura e 40 cm de comprimento, continha em seu interior, em média, 4 livros de “capa dura”, os chamados “copiadores de cartas” ou borradores). Cada livro desses media cerca de 21 x 30 cm tendo aproximadamente 300 folhas por unidade (em papel de seda), sendo que cada volume correspondia aproximadamente aos registros de correspondências de um ano, com assuntos que cobriam o cotidiano do fazendeiro, e referiam-se aos seus negócios em geral, questões políticas e, mais veladamente, questões pessoais.

Em primeiro lugar, foram selecionadas e copiadas as correspondências dos “livros de correspondências” dos anos de 1898 a 1931, num total de 16 livros, exceto o de número 13, correspondente ao período de agosto de 1928 a julho de 1929, o qual constatamos a ausência.⁴

⁴. A partir de 1913, as correspondências passara a ser datilografadas, o que facilitou a leitura, embora a impressão das cópias estivesse bem esmaecida.

Em seguida, procedemos à cópia do material das caixas contendo os livros de recortes de jornais e atas, que só de cópias em letras reduzidas (manuscritas) nos renderam cerca de 300 páginas. E, por fim, a cópia das “pastas-envelope” timbradas CLM, que traziam informações que embora, à primeira vista, parecessem de pouca importância, como notas fiscais, recibos etc., ao serem cruzadas com outras informações, confirmavam pistas, desfaziam suposições, e apresentavam aspectos do cotidiano do fazendeiro não explícitos nos demais documentos, como, por exemplo, suas preferências pessoais por bebidas, automóveis etc.).

Chamou-nos a atenção, o relacionamento do fazendeiro com um dos mais importantes escritores nacionais, Monteiro Lobato, o criador da moderna literatura infantil brasileira, cujas obras ocuparam grande espaço do nosso imaginário na infância. Chamou-nos a atenção também o fato de que, em uma das situações difíceis pela qual passava a Companhia Editora Nacional, Nhonhô, que recebera propostas de associação, recusara-as.

O fazendeiro trocou correspondências com embaixadores, importantes empresários internacionais e nacionais, com jornalistas como Assis Chateaubriand e outros, despertando curiosidade sobre as relações que mantinha com a burguesia, com as autoridades políticas, com os intelectuais e também com familiares e subalternos.

Enfim, ansiávamos por entender melhor aquele homem que todas essas informações guardara, de forma tão organizada, como se intuisse a força e importância de suas idéias e ações que poderiam ser futuramente “revisitadas” e analisadas. Essa organização poderia também ser a estratégia de um processo de sobrevivência empresarial, no qual os documentos guardados ordenadamente eram os pressupostos da garantia de um processo de racionalização e de sobrevivência empresarial, dentro de uma nova conjuntura de integração, capitalista.

Após a cópia dos documentos selecionados, as informações iam juntando-se umas às outras como partes integrantes de um grande mosaico chamado Nhonhô Magalhães, cuja trajetória social ia sendo obtida através dos documentos, de indagações e das relações objetivas que se revelavam.

Porém, o que ele poderia pensar nas entrelinhas; quais outros projetos teria, além daqueles claramente impressos nos papéis? Haveria possibilidades do entendimento de suas subjetividades?

Em sua correspondência particular íamos descobrindo aspectos de sua vida, tais como as relações de amizade e as suas conversas de sentido metafórico, as opiniões políticas e as ações no comando diário de seus negócios. Esse rastreamento de sua trajetória ia se tornando cada vez mais interessante, ia nos envolvendo de tal forma que as horas que permanecíamos no arquivo passavam tão rapidamente que, em muitas ocasiões, ultrapassamos os limites dos horários instituídos, contando com a “boa vontade” de alguns funcionários daquela instituição.

O acervo fotográfico

Procuramos selecionar do acervo fotográfico aspectos que de alguma forma se relacionassem ao conteúdo dos documentos escolhidos, embora percebêssemos que as fotos de caráter mais íntimo, familiar, não constavam do acervo presente no AHC/UFSCar (e foi confirmado pelo filho de Nhonhô, o Sr. Paulo Magalhães, que essas fotos ficaram com a família). De acordo com Miriam Moreira Leite, “a análise da documentação escrita também é feita com o intuito de revelar as entrelinhas e o não-escrito, já na fotografia lidamos com a comunicação aparentemente direta da imagem, para procurar em suas características uma significação que não se expressa e que, em alguns casos, precisa ser construída”.

Anteriormente já havíamos organizado parte desse acervo fotográfico, em uma operação que envolveu desde a limpeza dos negativos (em vidro e flexíveis) e dos próprios registros fotográficos, que se encontravam em precárias condições de acondicionamento. Confeccionamos artesanalmente envelopes sem cola e com papel mais propício à proteção desse material. A alta qualidade do material sensível (filme e papel) e o capricho no processamento técnico por parte do fotógrafo, contribuíram para que resistissem e venham resistindo bravamente à ação do tempo, de agentes químicos, do manuseio e guarda inadequados. Para a identificação dos negativos em vidro e fotografias de variadas dimensões, construímos uma “ficha de identificação”.

Para finalizar, a idéia de se conhecer esse fazendeiro através de sua trajetória individual e social envolve fundamentos teóricos que procuram alcançar não somente suas ações, práticas sociais e políticas, mas um ser humano pensante, sensível, cuja subjetividade está imbricada em suas ações.

Um trabalho baseado em arquivos pode ser comparado ao de um ourives que, cuidadosamente, lapida pedras brutas. Sentimo-nos diante desse trabalho artesanal, em que nos envolvemos intensamente, nos últimos anos, gratificadas por termos enfrentado o número interminável de caixas de documentos, o extenuante trabalho de selecionar e copiar à mão, o desafio de procurar sentido e direção para analisar, através de páginas aparentemente sem voz, a trajetória viva de um personagem significativo de nossa história regional.

Referências Bibliográficas

- BASSANEZI, M.S.S.B. *Fazenda de Santa Gertrudes*. Rio Claro, FFCL, 1967.
- BERTAUX, D. *Destino pessoal e estrutura de classes*. Rio de Janeiro: Zahar 1979.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade*. São Paulo: EDUSP, 1987.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand 1989.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- CANO, W. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. Rio de Janeiro, DIFEL 1977.
- CASALECCHI, J.E. *Da Companhia Agrícola Industrial e Pastoral D'Oeste de São Paulo à Cambuhy Coffee and Cotton States*. Araraquara : FFCL, 1973.
- CASALECCHI, J. E. *O Partido Republicano Paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CORREA, A . M. M. *História social de Araraquara*. São Paulo: FFCL-US, 1973.

DEAN, W. *A industrialização de São Paulo*. Rio de Janeiro, Bertrand, 1991.

FAORO, R. *Os donos do poder*. São Paulo: Globo, 1983.

FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FRAGOSO, J. & TOLENTINO, M. *O arcaísmo como projeto*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

FRANÇA, A .M., org. *Álbum de Araraquara*. Araraquara, Câmara Municipal, 1915.

GOMES, A . M. de C. *Burguesia e trabalho*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

HOLLOWAY, T. *Imigrantes para o café*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LEAL, V. N. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Alfa ômega, 1975.

LEITE. M.M. *Retratos de família*. São Paulo: EDUSP, 1993.

MAQUIAVEL, N. *O príncipe*. São Paulo: Abril, s.d..

MOMBEIG, P. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: HUCITEC, 1984.

SILVA, S. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo: Alfa Ômega, 1976.

STOLCKE, V. *Cafeicultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WEBER, M. *Metodologia das ciências sociais*. Campinas: Cortez, 1993.